

CAPÍTULO 4

CIDADES, TERRITÓRIOS E A DIMENSÃO ÉTICO-AFETIVA DAS DESIGUALDADES SOCIAIS

DOI: [http:// dx.doi.org/10.18616/plansus04](http://dx.doi.org/10.18616/plansus04)

Daiani Barboza

VOLTAR AO SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Este capítulo¹ tem como escopo discutir as relações entre a cidade, o território e a dimensão ético-afetiva das desigualdades sociais a partir de minhas andanças com três catadores de material reciclável (CMR) na cidade de Criciúma, SC.

Considera-se que a afetividade é fundamental para potencializar os sujeitos em prol da tessitura de sua cidadania e dos direitos humanos. Mahierie (2018, p. 11) sustenta que há um

[...] entrelaçamento inquestionável entre a pessoa e a multidão, entre o singular e o plural, entre a subjetividade que escapa e a objetividade que delimita. A orientação teórica marca o afeto atravessando a política, como a água atravessa a terra, ou seja, não há política que não seja permeada pelo afeto e por ele seja impulsionada, de forma que as ações políticas são formadas pelos encontros.

Sob essa ótica, os sujeitos se constituem nos encontros, outrossim as cidades e os territórios que habitam. Compreende-se que todos – sujeitos, lugares, territórios – englobam o ambiente, jamais são cindidos. No que se refere à concepção de território, assevera Santos (1998, p. 16) que “[...] são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. Ao habitar os territórios, a humanidade os transforma bem como se modifica nessa relação. Há uma dimensão ética nesse vínculo, uma vez que

[...] o lugar singular que eu ocupo é também o lugar da minha assinatura. Somente eu ocupo esse lugar, somente eu posso assinar por e neste lugar. E a assinatura é aquilo que me torna responsável: capaz de responder pelo lugar que ocupo num dado momento, num dado contexto. (AMORIM, 2003, p. 14-15).

Nessa perspectiva, ao balizarmos as questões éticas e afetivas e suas relações com o enfrentamento e/ou manutenção das desigualdades sociais, depreende-se que o território precisa ser concebido a partir da marca do humano que o constitui, como também na sua relação com a concepção de propriedade, que pode implicar em violação da liberdade quando ocorre o cerceamento do direito de outros sujeitos de circular, estar ou de apropriar-se de determinados lugares. Destarte, cabe-nos analisar o território amalgamado à constituição do sujeito do mesmo modo que a subjetividade não pode ser compreendida dicotomizada dos territórios que a constituem. Desse modo, “É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. [...] O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida” (SANTOS, 1998, p. 15). Afinal, como os sujeitos se apropriam do contexto citadino está marcado pelas (im)possibilidades de acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, pela efetivação ou não do direito à moradia, ao trabalho, à terra, à educação, ao esporte, à cultura e ao lazer, entre outros.

Cabe dizer que o capitalismo, ao longo da história, visou à exploração da natureza, sem se preocupar com suas implicações no longo prazo. Para Hissa (2008), a expropriação de outras culturas e a apropriação de outros continentes contribuíram para forjar classificações do humano, demarcando exterioridades e superioridades. Tais posturas hegemônicas afetaram também as cidades e seus territórios, cujas periferias foram consideradas inferiores aos centros urbanos. Nestes, também foram gestados lugares apenas para determinados públicos considerados de mais “valor” em detrimento de outros pelo fato de poderem consumir em maior escala.

Hissa (2008, p. 16) afirma que a modernidade é anunciada pelas fábricas dos tempos modernos e “[...] se sumariza através do processo de acumulação capitalista, na expectativa de que a ampliação da produção e do consumo fará o mundo progressivamente mais moderno [...]”. Depreende-se que o “progresso” anunciado não foi alcançado, posto que grande parte da população mundial não teve acesso às tecnologias de igual modo, sendo uma parte subjugada pela outra. Além disso, a exploração extensiva dos recursos

sob a ótica da mercantilização da natureza culminou em uma crise ecológica de grandes proporções.

A ciência moderna tem uma grande responsabilidade na tessitura histórica desse cenário, que conhecemos na contemporaneidade, posto que, ao legitimar a produção em massa, o consumo exacerbado contribuiu para firmar as relações calcadas no individualismo e na competitividade. “O individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade. A rua, o café, os magazines, o trem, o ônibus e o metrô são lugares para se passar a vista, mais do que cenários destinados a conversações” (SENNET, 2008, p. 360). Tal processo foi acontecendo gradativamente: “[...] ao longo do século XIX, o desenvolvimento urbano valeu-se das tecnologias de locomoção, da saúde pública e de conforto privado, do mercado, do planejamento de ruas, parques e praças para resistir à demanda das massas e privilegiar os clamores individuais” (SENNET, 2008, p. 372).

No tocante às cidades, elas se transformaram com a proliferação das formas de urbanização e industrialização, impondo outros cenários: “*La città corpo, attraversando la modernità del XIX secolo, si smembra colpita dagli eccessi che urbanizzazione e industrializzazione impongono [...]*” (GIORDANO, 2005, p. 131). O transcorrer da história mostrou que os sonhos modernos resultaram em promessas não cumpridas. Aliás, o século XX, “[...] com seus campos de concentração e esquadões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki – certamente deixou por terra esse otimismo” (HARVEY, 2005, p. 23). Incorporou-se à lógica da velocidade, que progressivamente foi assumindo mais intensidade, incentivando o esvaziamento ético nas relações em prol do consumo exacerbado. Assim:

[...] a segunda metade do século XX faz existir uma modernidade mais próxima da contemporânea: quimérica, virtual, cibernética, universal, global, imagética, movida a consumo – de todos os tipos e intensidades –, reforçada pela alteridade e, contraditoriamente, fantasiada de uma

esperança que, ao se consumir pelo fracasso e pela tragédia, sempre se renova. (HISSA, 2008, p. 17).

Nesse processo, a figura do consumidor que emerge na modernidade continua presente na contemporaneidade, afirmando a necessidade dos excessos como parte inerente à vida. Nessa perspectiva, “[...] a lógica consumista insiste em perpassar as escolhas do homem, prisioneiro de uma hipervalorização da aparência e de uma visão materialista do mundo, dos outros e de si mesmo” (CAETANO, 2008, p. 183). Desse modo, proliferam-se os excessos na descartabilidade das imagens, sejam publicitárias ou outras, dos objetos, dos recursos naturais das experiências urbanas, entre outras. Desse modo,

O direito à cidade hoje está confinado e restrito a uma pequena elite política e econômica que está em posição de moldar as cidades cada vez mais ao seu gosto. Por isso, faz-se imprescindível a democratização desse direito e a construção de um amplo movimento social para fortalecer o seu desígnio e devolver aos despossuídos os direitos que lhes têm sido negados. (SANTOS, 2018, p. 322).

Ao discorrer sobre a dimensão do simbólico, Canclini (2005) destaca que está integrada à cultura e ao poder, agenciados de diferentes modos, revelando poderes oblíquos em um cenário marcado por culturas híbridas. Portanto:

Hay aún otro modo en que la oblicuidad de los circuitos simbólicos permite repensar los vínculos entre cultura y poder. La búsqueda de mediaciones, de vías diagonales para gestionar los conflictos, da a las relaciones culturales un lugar prominente en el desenvolvimiento político. [...] La lucha entre clases o entre etnias es, la mayor parte de los días, una lucha metafórica. A veces, a partir de las metáforas, irrumpen, lenta o inesperadamente, prácticas transformadoras inéditas. (CANCLINI, 2005, p. 317).

Segundo o autor, as “lutas” étnicas e de classes na contemporaneidade se traduzem na maior parte do tempo em embates metafóricos, e a discussão sobre signos se apresenta fundamental. Para Bakhtin e Volochínov (2002), todo signo desvela uma dimensão ideológica. Para haver uma apropriação crítica da realidade, é necessário que sejam lidos os diversos elementos semióticos que a compõem, porquanto disseminam concepções, conceitos, saberes e contextos abalizados pelas ideologias. Nessa perspectiva, cabe dizer que

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário desses, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002, p. 31).

Os signos imagéticos nos possibilitam repensar as relações entre cultura e poder. Mas, afinal, que vozes expressam o contexto cidadão? Uma pluralidade de vozes, “passos”, possibilidades e/ou restrições. É impossível homogeneizar tais contextos e territórios, considerá-los unívocos ou uniformizantes.

No emaranhado de textos, contextos e subtextos, a cidade desvela sua complexidade. Canevacci (2004, p. 43) afirma que “[...] a cidade é o lugar do olhar. Por esse motivo a comunicação visual se torna característica”. Nesses panoramas visuais urbanos, “[...] a comunicação urbana exacerba estas diferenças, multiplica, fá-las coexistir e entrar em conflito” (CANEVACCI, 2004, p. 43). Nas cidades, as contradições, os conflitos e as ambivalências coexistem. A visualidade assume uma dimensão incomensurável em nossa cultura, suscitando múltiplas possibilidades de leitura. Novos sentidos a tensionarem o texto e subtexto, o algo que já foi dito por quem produziu a imagem, pelo seu *design*, tamanho, forma, linhas, ângulos e cores. Nesse movimento, o olhar se faz no encontro com uma diversidade de cenários imagéticos que suscitam diferentes possibilidades de se fazer “olho”: “[...] olho lambido, cegado, alte-

rado, deformado, dilatado, invaginado, verticalizado, embocado, enegrecido, embonecado, monocolorizado. Os panoramas possíveis do olho são infinitos” (CANEVACCI, 2008, p. 238). Nesse âmbito, cada olhar se singulariza e presentifica-se de diferentes maneiras, posto que qualquer olhar reducionista e que não seja capaz de abalzar criticamente os territórios e contextos citadinos em sua polifonia será como um “olho” que não se faz ver.

MÉTODO

Pesquisar implica em escolhas teóricas, epistemológicas e metodológicas. Ao investigar as múltiplas cidades na cidade e as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana em meu Doutorado (BARBOZA, 2012), recorri a diferentes procedimentos metodológicos. Entretanto, neste capítulo, apresento um recorte da pesquisa realizada e apresento e discuto minhas andanças com os três catadores de material reciclável (CMR): Maria Denis, Titi e Terezinha. Para conhecer mais detalhadamente os diferentes passos constituídos ao longo de todo o processo de pesquisar, recomendo a leitura de Barboza e Zanella (2014).

Ao percorrer com os catadores os itinerários que cotidianamente realizam no território citadino, empreendi diários de campo e filmagens dessas trajetórias, as quais foram transcritas e (re)lidas exaustivamente, o que me possibilitou a construção de categorias de análises. Para tanto, revisitei algumas vezes os vídeos que produzi durante minhas caminhadas na cidade com os catadores, bem como os diários de campo que teci ao longo desse processo. O tratamento dessas informações registradas com a videocâmera foi sistematizado em Apêndice (BARBOZA, 2012). Em minhas andanças com os CMR, os principais temas evidenciados foram: trânsito (dificuldades e conflitos); meio ambiente (descarte inadequado dos resíduos urbanos), catação (coleta e seleção do material reciclável – MR), relação com os consumidores e os comerciantes (cooperação e até mesmo ausência dessas relações) e riscos à saúde (principalmente devido à não utilização de luvas). Para proceder à análise do discurso, recorri às contribuições de Vigotski e Bakhtin e seu círculo.

A POLIFONIA DOS TERRITÓRIOS URBANOS E A DIMENSÃO ÉTICO-AFETIVA DAS DESIGUALDADES SOCIAIS

Ao lançarmos olhares sobre a contemporaneidade, cabe-nos indagar: diante de um mundo globalizado, como ocupamos ou deixamos de ocupar os territórios? Como deixamos nossa assinatura na urbe? Como afetamos e somos afetados em nossas relações cotidianas?

O transitar pelas ruas da cidade na contemporaneidade é marcado pela lógica da velocidade. Com pressa, as pessoas nos aeroportos, nos ônibus, em motos, a pé ou em seus carros se deslocam de “olho” no relógio. Nos carros, os vidros escuros e fechados dão a sensação de mais segurança, sobretudo nos semáforos, onde se estaria supostamente mais suscetível a um assalto. Os passeios pelas ruas da cidade dão lugares a espaços fechados, clubes, parques privados, *shopping centers*, entre outros. Assim,

O espaço público serve apenas à passagem, ao deslocamento. É apenas uma via asfaltada entre os pontos-privados onde se está seguro; não remete a qualquer possibilidade de parada, descanso. Marcado pela impessoalidade do transeunte, do rosto que passa e não diz nada [...] (MIZOGUCHI; FONSECA; COSTA, 2004, p. 183).

Dessa forma, pouco se conhece sobre aqueles que habitam a cidade carente de encontros. O tempo para estar ou falar com o outro é cada vez mais reduzido, muitas vezes cronometrado. Tempo, tempo, tempo... Sob essa lógica, “[...] hoje as próprias residências ‘engordam’ seu espaço, tornando mínima a necessidade de abandoná-lo. Assim, com a velocidade das vias e a estagnação segmentada, cada vez mais se deteriora a função de espaço de socialização, que a cidade outrora já efetuou” (MIZOGUCHI; FONSECA; COSTA, 2004, p. 177-178). Mas, como cada um vive a cidade e produz suas relações estéticas nos territórios que circula diz respeito ao modo como se desloca, como a concebe, como a habita e (re)visita. Se, por um lado, há aqueles na cidade que

limitam seus percursos ao tempo destinado ao cumprimento de suas tarefas cotidianas, “[...] a cidade pode, por sua vez, abrir-se diante do transeunte como uma paisagem sem limiares” (BENJAMIN, 2007, p. 466). O que é visível aos olhos de alguns pode não ser visto por outros. A (in)visibilidade urbana diz respeito a questões históricas, culturais, ambientais, estéticas, políticas, econômicas, entre outros aspectos. Ela pode ser lida de diferentes modos: tornar invisível aos olhos os lugares que nos mantêm distantes ou sequer imaginamos; “invisível” por não ser uma prioridade na gestão da cidade; “invisível” por estar escondido da maioria por outros lugares que lhe circundam; “invisível” por ser periférico; lugar empobrecido, não “nobre”; “invisível” para que as pessoas dali se conformem com sua condição e lugar; “invisível” porque foi descartado do cenário urbano; invisível por ser silenciado; “invisível” simplesmente porque nada se quer fazer a respeito, entre outras possibilidades. Mas o “invisível” contém o visível: é visível porque dali murmuram inquietações, angústias, sofrimentos, medo, esperança, sonhos, desejos, projetos. É visível porque dali intensamente se tecem trajetórias diversas. Visível, uma vez que os passos dos que ali habitam e circulam deixam marcas afetivas, estéticas, posto que a cidade como a vida está inacabada.

Os habitantes deixam marcas na cidade pelo modo como a habitam e (re)escrevem seus territórios. Todos, a seu modo, produzem relações estéticas na/com a cidade. Cada encontro com o outro, sejam lugares, objetos, pessoas, possibilita a criação estética. “As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que vivencia, experimenta, conhece e inventa tantas coisas entre as fachadas dos prédios quanto os indivíduos no abrigo de suas quatro paredes” (BENJAMIM, 2007, p. 468). Nas ruas, mora o coletivo e o singular. Ali sucedem diversos acontecimentos éticos e sociais, cada um deixa sua assinatura. Há movimento. Nas ruas da cidade, a vida transforma-se a partir das relações estéticas que ali coexistem. É possível reinventar a rua, a vida e a cidade.

Inscritos na complexidade e polifonia dos territórios urbanos, os CMR, a passos miúdos ou grandes, mas determinados, percorrem as ruas da cidade, descobrem detalhes inusitados. Caminhar implica desvendar cenários,

assinalar sua presença. Os catadores percorrem as ruas das cidades tecendo itinerários nos quais vasculham as lixeiras públicas, dos edifícios e de casas, recolhem MR de diversos pontos comerciais e, inclusive, o que está jogado pelas ruas e nos terrenos baldios, entre outros lugares. Fazem uso dos objetos que encontram, além do reaproveitamento de restos de produtos de limpeza, sandálias usadas, celulares, painéis, tapetes, talheres, sofás, cadeiras, eletrodomésticos e uma infinidade de “tesouros”. Grande parte dos catadores encontra nas lixeiras a decoração da sua casa. Assim, objetos diversos passam a compor a estética de suas casas e a estética de suas existências.

Em suas andanças, os passos velozes denotam a necessidade de retornar a casa com os carrinhos abarrotados de MR. Os passos vagarosos indicam pés calejados, corpos extenuados de um trabalho de longas horas puxando o carrinho. Problemas de coluna, insistentes dores de cabeça, inchaços nas pernas e pés, entre diversos outros problemas de saúde são comuns entre eles, o que aponta para suas condições laborais precárias e a falta de cuidado com a saúde, relegados à necessidade eminente de, em primeiro lugar, assegurar o sustento, independentemente de seus corpos exauridos pelo tempo, fadiga e doenças requererem pausas mais sucessivas e cuidados especiais à saúde.

Ao andar a pé pela cidade levando o carrinho ou em suas carroças, os catadores não atingem a velocidade dos carros e dos ônibus, mas também não realizam o mesmo movimento que os demais pedestres em seus percursos. Suas trajetórias são marcadas pela busca incessante do que é descartável, que se transformará em suas escassas possibilidades de consumo. Enquanto parte da população contempla as vitrines das lojas ao caminhar para saber as novidades do mercado, eles vasculham as lixeiras. Enquanto muitos nas cidades têm pressa de realizar suas atividades as mais diversas, os catadores têm esperança de encontrar lixeiras contendo o MR que procuram: plásticos, papéis, papelões, alumínio, ferro, cobre, entre outros. Atentos ao material de seu trabalho, reconhecem as lixeiras mesmo nos cantos mais inesperados. Do mesmo modo, caminham atentos ao tráfego e ao movimento de pedestres, posto que inúmeras vezes transitam na direção oposta. Em suas andanças, eles evidenciam as desigualdades sociais que assolam nosso País. Partem de suas

casas e desempenham sua atividade pelas ruas da cidade, o que lhes permite vislumbrá-la diariamente produzindo sentidos diversos sobre o contexto citadino. Xavier de Maistre, citado por Benjamin, fala desse olhar sobre a cidade que se tece sob diferentes ângulos:

O industrial passa sobre o asfalto apreciando sua qualidade; o velho procura-o com cuidado, seguindo por ele tanto quanto possível e fazendo alegremente ressoar nele sua bengala, lembrando-se com orgulho que viu construir as primeiras calçadas; o poeta... anda pelo asfalto indiferente e pensativo, mastigando versos; o corretor da bolsa o percorre calculando as oportunidades da última alta da farinha; o desatento, escorrega. (BENJAMIN, 2007, p. 466).

Assim, a cidade vista pelos catadores não é a mesma do médico que passou o dia dentro do hospital atendendo seus pacientes, do arquiteto que cria seus projetos e acompanha-os, do pedreiro que constrói as obras, do escultor que passou o dia no seu ateliê experimentando novas criações. O espaço de trabalho deles é a rua. São capazes de descrevê-la muito bem, desde a casa verde à árvore grande que faz parte de seu jardim. São tantos passos pela cidade, tantas vezes trilhando as mesmas vias, as quais se tornam familiares. Íntimos das ruas, mas não de seus transeuntes, embora parte deles teça “bons encontros” com a população que se sensibiliza e coopera com a atividade de catação, guardando o MR para o momento em que por ali passará o catador. Outra parte prefere deixar o MR restrito ao caminhão de coleta de resíduos sólidos. A preferência por este se refere a diferentes aspectos, entre eles os dias fixos para coleta e a regularidade na atividade.

Nossas andanças nos territórios da urbe

Caminhar com os catadores em Criciúma me possibilitou encontrar outras cidades, uma vez que observada em detalhes ela tomou outra dimensão. Os ângulos e os lugares que os sujeitos da pesquisa percorreram nos territó-

rios citadinos mostraram o que a maioria da população não vê no cotidiano da urbe.

O prazer de caminhar com Maria Denis: “A rainha da sucata”

Maria Denis nasceu em Criciúma, em uma família de baixa renda. Muito pequena, conheceu os problemas de viver nos extremos da pobreza. Já passou fome, adoeceu gravemente quando criança, mas foi superando cada problema do seu cotidiano. Embora resida em Criciúma há décadas, Maria Denis disse que só soube como era a cidade caminhando como catadora. Foi assim que encontrou lugares inusitados, conheceu os problemas mais a fundo e passou a ter um olhar mais sensível e crítico sobre a sua cidade. Dessa forma, a cidade da infância de Maria Denis foi desdobrada em outras cidades à medida que ela passou a conhecê-la em suas múltiplas dimensões. Isso nos permite refletir que a cidade imaginada por nós é uma entre tantas outras que ali se inscrevem. Cada um (re)conhece a cidade conforme a desvela e isso ocorre a partir de suas condições históricas e culturais.

Em suas atividades laborais no território citadino, Maria Denis caminha no centro da cidade (figura 1) puxando seu carrinho com muita velocidade e facilmente localiza as lixeiras públicas, bem como de estabelecimentos comerciais e condomínios. Muito habilidosa, Maria Denis enfrenta as subidas, descidas, o vento, a chuva e até os buracos das estradas e calçadas, administrando o peso do carrinho.

No primeiro dia que caminhei com ela, vi que as pessoas nos observavam porque eu estava usando uma videocâmera, mas não presenciei diálogo entre ela e os demais transeuntes. No segundo dia, o processo também se deu dessa forma. Mesmo quando eu ficava mais distante com a videocâmera, e até nos momentos em que eu a desligava, foi notório o fato de que o trabalho de Maria Denis era solitário à medida que sua comunicação com o espaço urbano estava focada entre os prédios, os jardins e as lixeiras. No terceiro dia, uma síndica desceu de um prédio para falar conosco e propôs que ela recolhesse o

as pessoas deixam os vidros quebrados espalhados nos sacos, expondo as pessoas que os recolhem ao perigo de cortarem-se.

Convidada por Maria Denis, fui à sua casa para acompanhar o trabalho que realiza após a coleta dos materiais. Ela os organiza e depois os separa conforme o tipo e a condição. O material sujo ela lava antes de juntar aos demais. Vislumbrei um varal apenas com sacos plásticos que, dispostos ao sol, secavam. O que ela já separou nos sacos para vender posteriormente é colocado na garagem, a qual é abarrotada de materiais que aguardam a vinda do caminhão, do intermediário. Além disso, sob a orientação da sua cunhada, fomos de carro conhecer alguns lugares da cidade onde, em meio à natureza, árvores, flores e rios, encontramos muito lixo jogado. No bairro Sangão, adentramos uma rua sem saída e, pelo caminho, encontramos diversos materiais ali atirados. Entre lixo orgânico e não orgânico, árvores cresciam.

Mais à frente, elas me apresentaram o rio poluído. Próximo à avenida Luiz Rosso, um terreno baldio estava ocupado do mesmo modo. Ao lado da avenida Imigrantes Poloneses, adentramos uma pequena mata e ali encontramos desde pneus de caminhões jogados até um sofá. Elas questionaram: “*Por que as pessoas destroem tanto a natureza?*”. A degradação ambiental não é uma questão atrelada a classes sociais, mas é responsabilidade de todos. De acordo com a cunhada de Maria Denis, as pessoas não pensam em preservar o planeta para as futuras gerações. Maria Denis sempre fica indignada com o fato de as pessoas tratarem o espaço urbano também como lixeira. Ela disse que faria daquele lugar um parque se fosse prefeita. No fim da tarde, elas retornaram às suas casas alegres por terem me mostrado mais essa faceta da cidade, que poucos conhecem. De fato, ao passar de carro por esses lugares, a velocidade impede os motoristas de observarem a degradação produzida pelos seres humanos.

Caminhando com Titi

Titi me fez trilhar outros caminhos. Enquanto Maria Denis foi a “diretora”, Titi se apresentou mais tímida para assumir essa tarefa. Cumpre dizer que depois de muitos desencontros em sua casa, eu soube que ela havia sido

contratada por um *Centro de Referência de Assistência Social* (CRAS). Nele aprendeu a pintar toalhas e a fazer bonecas artesanais. Embora já tenha trabalhado como empregada doméstica, além de catadora, Titi teve, pela primeira vez, sua carteira assinada pelo CRAS. O projeto tem como objetivo, a partir dessas oficinas, que as mulheres da comunidade possam vender os produtos produzidos e ter uma renda a partir desse trabalho. Após minha visita ao CRAS, quando estive em sua casa, ela me apresentou as pinturas das toalhas concluídas por ela; também contou aos familiares que eu fizera umas fotos muito bonitas dela, segurando uma boneca que fizera. Sua função é auxiliar de monitora, mas, entre as quatro paredes, ela sente falta da catação, porque gosta muito de caminhar pela cidade, assegurou-me ela. Titi ainda não está acostumada a passar o dia todo dentro de uma sala, sentada. Seu universo cotidiano vinha sendo as ruas da cidade.

Na sua residência, agendei um encontro para o dia seguinte: um sábado. Quando cheguei para caminharmos juntas, ela se mostrou surpresa, disse que achava que eu não iria e mostrou-se interessada em estar nas filmagens. Ela também quis saber se iria aparecer na televisão. Titi estava na expectativa de ser filmada. Como seria? As outras pessoas ficariam sabendo? Empolgada com a minha presença, mostrou-me a finalização das toalhas, que a vi pintando no dia anterior no CRAS. Explicou-me que decidiu aceitar o trabalho no CRAS, mas que continua catando aos sábados, domingos e feriados. Apesar dos dias reduzidos, observei em sua casa que já tinha uma quantidade grande de MR acumulado. Em seguida, ela pegou o seu carrinho e um boné, e saímos pelas ruas da cidade (figura 2). Andando com Titi pela cidade, observei que ela era conhecida de várias pessoas que guardam o MR para ela. Nesses anos de catação, ela conquistou a simpatia de muitas delas.

Titi me contou que voltou a estudar, que estava matriculada no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), uma das condições que lhe impuseram para a sua contratação, além dos exames médicos. Entretanto, ao fazê-los, ela descobriu que tem arritmia cardíaca, mas me contou que não estava seguido as recomendações médicas. Durante a nossa caminhada, ela também me contou que, para escrever, estava com dificuldades com relação

de catação reduzido. Disse-me que, com a restrição imposta, os CMR levam mais tempo para a catação, percorrem distâncias menores e continuam tendo problemas no trânsito. Outro fato que relatou foi quando um motorista bateu no carrinho que ela guiava. Disse-me que ele a xingou muito. Ela considerou que o prejuízo maior foi dela, que ficou com o carrinho “rengo”, enquanto ele pensou unicamente em seu veículo. Esse fato me fez refletir sobre a falta de segurança no trânsito para os catadores. Quando circula pela rua, no meio dos demais carros, é por ser necessário, mas os motoristas buzina e, segundo ela, até xingam, mas ela precisa trabalhar, mencionou. Então, se a calçada é dos pedestres, as ruas dos carros, que opção lhes resta?

Em nossa caminhada, ela me levou ao lugar onde a fotografara ao longo desta pesquisa. Lá, sentimos cheiro de animal morto. Conforme ela me relatou, a Prefeitura já tinha limpado o lugar recentemente. Contou-me ser comum encontrar garotos fumando crack por lá. Mas enfatizou que eles a respeitam e que às vezes até a ajudam a colocar alguns materiais no carrinho, isso porque ela sempre os trata com cordialidade. Sua relação com esses garotos é próxima, porém marcada por tensões. Se, por um lado, ela considera que eles respeitam o seu trabalho, deixando-a caminhar em segurança, sem a importunar quando passa, por outro, ela relatou que outros catadores perderam alguns postos de coleta devido ao comportamento deles ao vasculharem algumas lixeiras e ao deixarem tudo desorganizado. Titi prefere apaziguar suas relações com eles, evitando conflitos. Ela entende que assim pode caminhar por toda a cidade em segurança pelo fato de eles também se sentirem respeitados por ela. Há um acordo implícito aí, ela não os confronta, não os denuncia, e eles não a importunam. Assim, não se temem mutuamente.

Sobre o “lixo” espalhado pela cidade de modo indevido, ela afirmou que falta cooperação da população. Pelas estradas, encontramos diversos MR jogados e, um a um, ela os foi recolhendo. Fiquei impressionada com a quantidade de resíduos sólidos em algumas ruas.

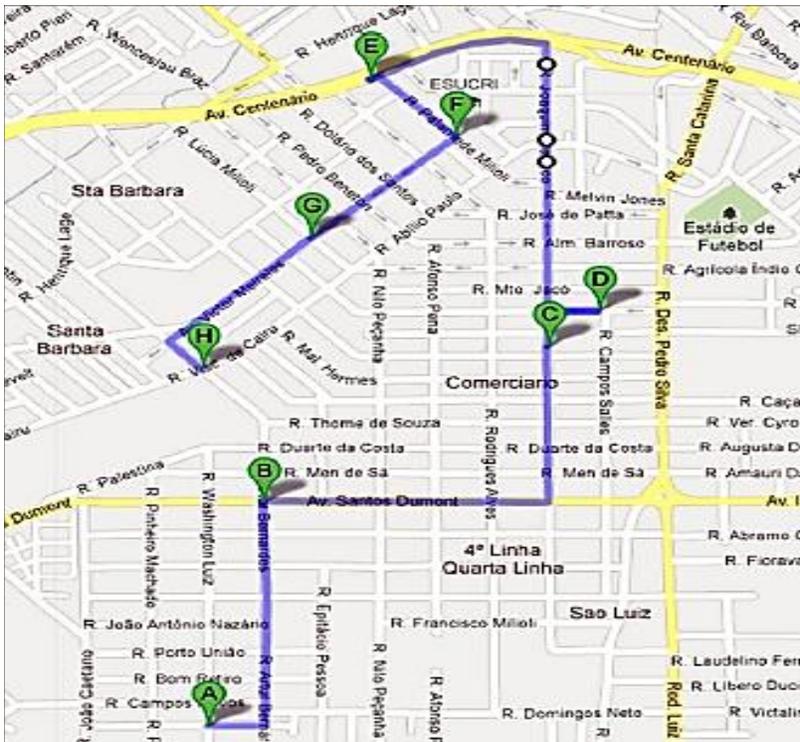
Naquele dia, retornamos antes do previsto porque parecia que iria chover. O carrinho voltou quase cheio, mas ainda havia espaço. Os materiais coletados eram leves. Titi disse que fica pesado sempre que recolhe ferro.

Quando voltávamos, em uma rua dos trilhos que cortam o bairro Pinheirinho, um adolescente pediu uma latinha e ela a entregou. Disse que essa é uma cena comum na cidade. Querem latinhas para fumar crack e ela as concede para evitar problemas.

Caminhando com Terezinha

Pela quarta vez, fui à casa de Terezinha na tentativa de acompanhá-la na atividade de catação, isso porque, nas vezes combinadas anteriormente, ela, o marido e o filho acabaram não saindo de casa devido ao mau tempo ou por seu marido não estar em boas condições de saúde para sair para trabalhar. Naquele dia, seu marido disse que iriam à igreja para buscar uma cesta básica e que depois iriam pagar a conta de água e luz. Pedi-me para retornar no outro dia. Apesar de eu ter o consentimento dela para acompanhá-la na atividade de catação, o marido apresentou resistência. Em seu discurso, apareceram alguns indicadores para tal atitude, entre eles: não viu qualquer vantagem em acompanhá-los, posto que ele queria dinheiro e estava impaciente; ressentiu-se por não estar na pesquisa. Devido ao alcoolismo de seu marido, Terezinha é quem administra o dinheiro da catação. Mas, quando ele sai sozinho com a bicicleta, pede ajuda para as pessoas e, ao receber uns trocados, usa-os para comprar cachaça, relatou Terezinha. Naquele dia, ele não havia bebido, apenas no dia anterior, explicou-me ela. Com a autorização de Terezinha, segui com ela pela estrada (figura 3) atrás do carrinho puxado por seu marido e acompanhado do filho adolescente.

Figura 3 - Itinerários de Terezinha pelos bairros Anita Garibaldi, São Luiz, Michel, Centro e Santa Bárbara



Fonte: Elaborada pela autora (2012).

Eles andavam apressados e, no início, eu e Terezinha não conseguimos alcançá-los, já que ela sentia dores nas pernas e não conseguia andar mais rápido. No caminho, Terezinha me contou que quando chove a rua alaga e o terreno também. Devido às telhas quebradas, chove dentro de casa. Além disso, ela comentou que estava preocupada com a despensa vazia, sem carne! O fato de não ter carne era/é motivo sempre de descontentamento para ela. Ao perguntar-lhe sobre uma comida que gostaria que nunca faltasse em sua casa, ela logo respondeu: “Carne, nunca tem carne!”. Continuamos andando. O marido de Terezinha estacionou o carrinho em um posto de gasolina para calibrar

as rodas. Então o alcançamos. Mas, depois, outra vez ele e o garoto seguiram rapidamente. Terezinha ficou irritada, porque começou a encontrar MR pelos lugares em que passávamos, mas ele não esperava. Achou uma frigideira em uma lixeira, mas um pouco depois abandonou a caixa com tudo dentro quando o perdemos de vista. Seguimos na direção da igreja, ele estava lá, estacionado com o filho. Terezinha foi pegar a cesta básica doada pela igreja católica, mas, para isso, teve que participar de uma reunião. Na reunião, após as boas-vindas das integrantes, a coordenadora da Pastoral Social fez um discurso sobre a importância da participação dessas mulheres na sociedade e convidou-as para participar de uma atividade na praça Nereu Ramos. Terezinha ouviu tudo impaciente. Ela me disse que falaria com a coordenadora para lhe entregar logo a cesta básica, porque queria sair para catar e ainda tinha que procurar vaga para o filho na escola – a Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma (AFASC). Ao solicitar a antecipação de sua cesta, a coordenadora não acatou o pedido, então Terezinha precisou continuar ali, esperando. Quando chamadas para a atividade de construção de um *puf* com garrafas *pet*, ela declarou em tom alto de voz que não tinha interesse pela atividade. Enquanto as outras mulheres estavam envolvidas na tarefa proposta, Terezinha, inquieta, ficou aguardando o momento de receber a sua cesta básica. Ela deixara a sala das atividades algumas vezes para tentar falar com o padre e pedir ajuda, mas ele não estava. Falou também com outra pessoa da igreja para que lhe antecipassem a cesta, mas disseram que a responsável pela autorização era a senhora que estava coordenando a reunião. Ela observou atentamente o conteúdo de cada cesta básica para ver qual seria de seu maior interesse. Então, não tendo êxito em alcançar seu objetivo, voltou à sala de atividades e começou a participar com as demais. Naquele momento, a atividade estava chegando ao fim. Ao concluírem, ela se dirigiu imediatamente à outra sala onde as cestas seriam distribuídas. No local, ouvi duas senhoras envolvidas na atividade da igreja conversarem preocupadas. Concluíram que naquele dia havia mais mulheres do que cestas para distribuir. O marido de Terezinha me contou que isso não era motivo de preocupação, já que sua esposa era sempre a primeira a pegar a cesta. E assim foi. Terezinha carregou a cesta pesada sozinha, enquanto o

marido e o filho continuavam sentados na calçada ao lado do carrinho. Então pedi que a ajudassem. O esposo se levantou e foi ao encontro dela, colocando no carrinho a cesta básica. Pude observar que a cesta básica doada continha pouca coisa, mas, para eles, era indispensável. Devido ao horário, Terezinha decidiu que iria à AFASC e que pagaria as contas somente no dia seguinte. Então começou a jornada de catação. Cumpro dizer que enquanto esperávamos o fim da reunião, observei que o marido de Terezinha havia vasculhado as lixeiras da rua, mas disse não ter encontrado nada. Ele não abriu os sacos plásticos, apenas os apalpou.

Seguimos em direção à farmácia que lhes doa MR. No caminho, Terezinha vasculhou as lixeiras enquanto seu companheiro guiava o carrinho acompanhado do filho. A partir de então, caminhamos todos juntos. Na farmácia, convidaram Terezinha para entrar e buscar os papelões. O filho e o marido esperaram do lado de fora, na calçada, onde o carrinho estava estacionado. Dentro da farmácia, ela foi conduzida aos papelões, que estavam em uma sala interna. O farmacêutico lhe ofereceu também umas portas retiradas por ele. Ela gostou das portas e disse que a sua casa precisava mesmo de portas novas. Assumi o compromisso de ir buscá-las outro dia com o seu carrinho. Embora ela estivesse interessada em duas portas apenas, o farmacêutico lhe disse que teria que levar toda a madeira que estava lá. Ela concordou.

Dentro da farmácia, ela ficou encantada com as maquiagens. Contou que havia encontrado *blush* outro dia em uma lixeira, mas lamentou que as condições de uso já eram impróprias. Ela experimentou, mas não teve como usá-lo, era muito velho. Enquanto as pessoas vão descartando as coisas que não lhes servem, Terezinha sonha com cosméticos e outros produtos de beleza, os quais não tem condição de comprar.

Ainda estávamos dentro da farmácia quando começou a chover granizo. Foi aí que Terezinha demonstrou sua preocupação com a casa, pois, devido às telhas quebradas, fica alagada quando chove. Esperamos a chuva passar para então prosseguirmos. Ainda chovendo, mas em intensidade menor, andamos em direção à casa de Terezinha.

Seu marido também estava preocupado com a casa, contudo, Terezinha não queria retornar sem ter o carrinho cheio. Ela pediu papelões em uma loja logo a seguir. O marido reclamou com ela, dizendo que não estava preocupada com a casa, mas ela disse que estava preocupada sim e com os papelões. Logo depois, foi ele quem estacionou o carrinho e vasculhou umas lixeiras. Seguimos apressadamente. Cada lixeira do caminho foi vasculhada atentamente por eles. Notei que as lixeiras dos condomínios foram abertas somente quando eles identificaram que havia latinhas ou garrafas *pet*. Terezinha apalçou os sacos de lixo e apenas os abriu nesses casos. Ela me explicou que muitas vezes já cortou a mão, por isso adotaram esse cuidado. Observei que parte dos condomínios só deixou do lado externo dos edifícios o lixo orgânico. A cada lixeira do caminho, Terezinha caminhou em sua direção para fazer a inspeção, mas ela obteve mais MR nos postos comerciais que o reservaram para ela. Seu filho, naquele dia, encontrou chinelos usados e uma carteira nas lixeiras e ficou contente com os seus “achados”. Pude evidenciar que certos objetos foram admirados por ele, como se tivessem sido comprados em um estabelecimento comercial. Próximo à sua casa na avenida Santos Dumont, obtiveram várias caixas de papelão grandes, que lotaram o carrinho. Por fim, voltaram para casa. Afinal, era preciso proteger seus móveis da chuva.

Dialogando sobre nossas andanças

Os sujeitos da pesquisa e eu, em nossas andanças pela cidade, percorremos diferentes trajetos. Empenhei-me em acompanhar o ritmo de seus passos, observando as estratégias que geralmente adotam em seu trabalho e suas relações com a urbe enquanto desempenham a atividade de catação. Como cada um se apropriou de cada lugar por que passou está atrelado ao modo como habita, tece e é constituído na/pela cidade. Os catadores habitam a cidade e cuidam dela. Suas táticas de ação para a atividade de catação estão pautadas nas experiências cotidianas e nos critérios estabelecidos pelos intermediários para as vendas. Pude notar que cada um deles, a partir dos recursos que tinham para o trabalho e de sua singularidade, deixou/deixa sua

assinatura na cidade de modo diverso. Em contrapartida, a cidade também os marcou/marca. Além do carrinho de puxar, o carrinho de mão ou a bicicleta, cordas, sacos, faca, água e café estão entre os objetos que eles transportam no trabalho. No cenário das ruas, entre casas, condomínios, jardins, estabelecimentos comerciais, entre outros, vasculhar cada lixeira é o principal objetivo dos catadores. Para cada um, é um mundo do MR que vai sendo desvendado. Ali encontram desde lixeiras vazias até objetos que reutilizam no dia a dia, entre eles chinelos, carteiras, panelas, brinquedos e roupas.

Em suas relações com a/cidade, notei que respeitam os demais catadores, reconhecendo-os como batalhadores como eles, sem se lamentarem quando um catador já passou no local anteriormente, levando o MR. Por outro lado, tentam tomar medidas para conseguir acesso ao material reciclável antes que o caminhão da Prefeitura se aproprie deles, esvaziando as lixeiras da cidade. Aqui é possível evidenciar que a Prefeitura tornou-se uma “concorrente” e não uma parceira deles. Existem consumidores que preferem deixar seu MR exclusivamente à coleta empreendida pelo caminhão da Prefeitura, que a faz em dias fixos, enquanto os catadores não cumprem com o mesmo rigor essa tarefa. Andando na cidade, pude constatar que existem estabelecimentos em que o MR é cadeado nas lixeiras ou reservado internamente, impedindo que sejam vasculhados pelos catadores que por ali transitam. Essa restrição dos lugares aos catadores está vinculada ao imaginário social produzido acerca deles. Vistos como desnecessários, descartados, a cidade lhes nega o direito à cidadania.

Outro aspecto a ser destacado é que a escolha de seus trajetos pela cidade tem relação com a proximidade dos seus bairros. De carrinho de puxar, carrinho de mão ou de bicicleta, todos têm que sustentar o peso dos materiais coletados até o retorno para casa, o que limita suas trajetórias. Contar com a colaboração dos lojistas e dos moradores dos locais por onde circulam é facilitado à medida que passam a ser conhecidos por eles ao repetirem os percursos. O modo como cada um dialoga com as pessoas e realiza seu trabalho com empenho e dedicação contribui para que elas passem a confiar neles, colaborando ao conceder-lhes o MR.

Sobre as filmagens, sem dúvida, minha presença transformou o modo habitual como realizam os seus percursos. Conforme Jobim e Souza (2003, p. 87),

[...] a presença da câmera como um terceiro interlocutor que necessariamente favorece ou dificulta o surgimento de uma infinidade de comportamentos, expectativas, desejos que são incorporados na forma como o discurso vai sendo produzido naquele contexto específico.

Na urbe, enquanto filmava, os catadores entraram em evidência nesse cenário. A câmera suscitou olhares e perguntas por parte de transeuntes e moradores, bem como dos sujeitos da pesquisa. Durante as filmagens, notei que os catadores ficaram atentos ao que era registrado, ora querendo colocar em evidência determinado objeto, contexto, ora fazendo comentários sobre o uso que poderia ser feito das imagens.

A filmagem permeou o imaginário desses sujeitos e daqueles que nos observaram. Como pesquisadora, pude experimentar com eles a descoberta em cada lixeira dos diferentes resíduos sólidos e objetos que encontraram, enquanto eles me explicaram sobre suas escolhas e estratégias adotadas durante seu trabalho. Por fim, caminhar com eles me possibilitou vislumbrar como se relacionam com a urbe e como os lugares e as pessoas na cidade se presentificam em suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao caminhar pelos espaços e territórios urbanos, cada um de nós deixa sua assinatura nos espaços citadinos, ao mesmo tempo que estes nos constituem. O modo como os CMR se apropriam do território é marcado pelas (im)possibilidades inscritas no cenário urbano, que restringem o seu direito ir e vir, negam-lhes acesso a determinados bens de consumo e engendram uma

condição de sofrimento diante dos processos de desqualificação social que enfrentam. Mas apesar das mazelas do cotidiano, eles resistem e criam estratégias de enfrentamentos das desigualdades sociais a que estão submetidos.

Em suas trajetórias no território urbano, há aqueles que os auxiliam e contribuem para que continuem exercendo a atividade de catação. Por outro, há aqueles que lhes negam acesso ao MR, cerceamento suas possibilidades de viver e sobreviver. Mas que outras possibilidades podem ser gestadas?

No que se refere às políticas públicas, precisam ser engendradas em diálogo constante com a população a que essas são designadas. A construção da cidadania pressupõe acesso ao direito de ir e vir nos territórios, à cidade, à moradia digna, ao trabalho, ao lazer e à cultura, entre outros, os quais estão preconizados pela Constituição Federal (BRASIL, 2002). Tais questões estão amalgamadas à dimensão ético-afetiva e são fundamentais para a potencialização dos sujeitos em prol das transformações socioculturais.

Por fim, as pesquisas e intervenções que visam contribuir para a potência de agir dos sujeitos para o enfrentamento das desigualdades sociais devem considerar suas vozes e contribuir para potencializar sua autoria na tessitura de outras formas de habitar a urbe para que as desigualdades se transmutem em igualdades de direitos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. *In*: FREITAS, M. T.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (orgs.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003, p.11-25.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem** 9. ed. São Paulo: Hucitec e Annablume, 2002.

BARBOZA, D. **As múltiplas cidades na cidade**: as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana. 2012. 277 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BARBOZA, D.; ZANELLA, A. V. Relações estéticas dos catadores de material reciclável com a cidade: os passos da pesquisa. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 53-62, abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 ago. 2019.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BRASIL [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2002.

CAETANO, M. J. Ética e meio ambiente: reflexões sobre os lugares do homem na contemporaneidade. In: HISSA, C. E. V. (org.). **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 181-192.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estrategias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Piadós, 2005.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CANEVACCI, M. **Fetichismo Visuais**: Corpos Erópticos e Metrôpole Comunicacional. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GIORDANO, V. **La metropoli e oltre**: Percorsi nel tempo e nello spazio della modernità. Roma: Meltemi, 2005.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

HISSA, C. E. V. Fronteiras da transdisciplinaridade moderna. *In*: HISSA, C. E. V. (org.). **Saberes ambientais**: desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 16-31.

JOBIM e SOUZA, S. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e epistemológicas. *In*: FREITAS, M. T.; JOBIM e SOUZA, S.; KRAMER, S. (orgs.). **Ciências humanas e pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003, p. 77-94.

MAHERIE, K. Prefácio. *In*: SAWAIA, B. B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. R. (orgs.). **Afeto & comum**: reflexões sobre a práxis psicossocial. São Paulo: Alexa Cultural, 2018, p. 11-16.

MIZOGUCHI, D. H.; FONSECA, T. M. G.; COSTA, L. A. Corpoartecidade: (Inten)cidades dos corpos urbanos. *In*: FONSECA, T. M. G.; ENGELMAN, S. (orgs.). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004, p. 171-190.

SANTOS, G. M. R. Reflexões sobre a relação entre território e subjetividade: da propriedade ao direito à cidade. *In*: SAWAIA, B. B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. R. (orgs.). **Afeto & comum**: reflexões sobre a práxis psicossocial. São Paulo: Alexa Cultural, 2018, p. 317-324.

SANTOS, M. O retorno do território. *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (orgs.). **Território**: globalização e fragmentação. 4. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1998, p. 15-20.

SENNETT, R. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.